

Experiências de comunicação na cidade: cultura, memórias e estratégias de luta de moradores pobres- Uberlândia (1990-2012)

LETÍCIA SIABRA DA SILVA*

Olha, vou falar uma coisa pra você, eu nem conheço o presidente do bairro [...] nem conheço porque eu nunca, nunca vi, eu só vejo falar o nome só vê só escuto falar o nome, mas eu nunca vi nada, assim porque, geralmente, as pessoas têm a impressão que aqui, no Dom Almir, as pessoas precisam ganhar e não é isso que a gente precisa não, não é isso. Geralmente, quem vem de fora pensa assim: – Nossa! Ali só tem pobre, né, todo mundo é paupérrimo! Não é, não! Todo mundo, aqui, a maioria tem sua casa ou mora de aluguel, mas trabalha, levanta cedo, trabalha, paga sua água, seu aluguel, sua luz, tem suas coisinhas, tudo arrumadinho dentro de casa.¹ (Alexssandra Gualberto Soares)

Este trabalho investiga as formas como os moradores pobres na cidade empreendem estratégias de luta no campo da comunicação e se relacionam com as transformações no espaço urbano, na cidade de Uberlândia- MG, entre os anos de 1990 e 2012. O período que compreende o final do século XX e início do século XXI torna-se importante na investigação historiográfica, visto que, durante este período, diversos programas televisivos emergiram no Brasil com o intuito de buscar nas comunidades pobres construir um campo de comunicação que dizia sobre esta população, através da ênfase no cotidiano dos moradores das periferias urbanas.

As fontes da pesquisa são constituídas de entrevistas, materiais de grupos de bairros e associações de moradores, jornais impressos e gravações audiovisuais de programas de TV que falam destes sujeitos. A problemática da pesquisa partiu de inquietações a respeito dos movimentos que os sujeitos empreendiam para atuar na cidade e transformar o espaço urbano

* Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia. O presente texto é resultado da pesquisa de mestrado desenvolvida durante os anos de 2011 a 2013, orientada pela Prof.^a Dr.^a Marta Emília Jacinto Barbosa, na Linha de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais, no curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/ CNPq. Os aspectos destacados neste texto foram apresentados na Introdução e no terceiro capítulo da Dissertação de Mestrado, intitulada “Cidade e experiências de comunicação: cultura, memórias e estratégias de Luta de moradores pobres no espaço urbano- Uberlândia (1990-2012)”, defendida em 2013.

¹ SOARES, A. G. Uberlândia, 12 abr. 2012. Entrevista concedida a Letícia Siabra. Alexssandra Gualberto Soares: nascida em 25 de setembro de 1972, dona de casa, manicure e cabeleireira, possui um pequeno salão de beleza situado em um cômodo (puxadinho) na frente da casa de sua mãe, onde também existem algumas “araras” com roupas femininas que a entrevistada vende para complementar a renda do trabalho no salão. Moradora no Bairro Dom Almir, reside em Uberlândia há aproximadamente 17 anos. Entrevista realizada no dia 12/04/2012.

dentro de um processo material e social que implicava nas relações culturais: os modos de viver na cidade.

A pesquisa se voltou para pensar as donas de casa enquanto sujeitos que articulavam os pontos de resistência no interior das disputas por memórias através da experiência cotidiana, sendo elas moradoras da cidade, telespectadoras e público alvo destas programações; investigar de quais formas estes sujeitos participavam dos processos de dominação e resistência através da vida cotidiana tornou-se o desafio da pesquisa, pois evidenciou as maneiras como os moradores apropriam-se dos meios de comunicação na cidade e criam outros significados, estabelecendo um campo de comunicação comum, não obstante, com posicionamentos desiguais hierarquicamente confrontados.

Dialogamos com pesquisas que analisavam a relação entre movimentos comunitários e cultura, para sinalizar a importância em investigar como, porque e de quais maneiras, os processos de comunicação ganham força entre os moradores e os caminhos de atuação entre programas de TV e jornais: como os “meios” atuam nos grupos de bairro, transformam espaços através da produção, do consumo e da circulação de notícias são indagações importantes que discutimos com algumas pesquisas que abordaram questões sobre comunicação e cidade, e de alguma forma, ajudaram a construir um caminho de investigação permitindo a este trabalho fortalecer o embasamento teórico metodológico e contribuir para a formação política comprometida com a realidade social.

Dessa maneira, o trabalho de Clarissa Nascimento (NASCIMENTO, 1999), investigando os sentidos da experiência de TVs de rua e movimentos de vídeo popular entre os anos finais da década de 1980 e 1998 no Rio de Janeiro, propiciou contrapor diferentes formas de comunicação e pensar nas relações entre memória e história. O trabalho da autora ofereceu subsídios metodológicos para pensarmos por outro caminho: indagar sobre a produção de notícias que partiam de grupos exteriores à periferia, num esforço por legitimar dentro da periferia suas práticas de comunicação. Isso levou-nos a diferenciar outras maneiras de dizer sobre moradores pobres através de materiais de TVs produzidos por uma rede de televisão comercial que vendia a ideia de um trabalho comunitário ao ponto de sugerir o que deveria ser o povo e o popular no interior da cidade.

A dissertação de Maucia Reis (2003) contribuiu para esta pesquisa ao discutir a cidade enquanto questão. Debatendo as formas de sobrevivência dos moradores de conjuntos

habitacionais durante as décadas de 1980 e 1990 em Uberlândia, a autora persegue o sonho da casa própria, investigando como a imprensa lidava com a questão. A leitura da pesquisa de Reis nos levou a questionar as reivindicações dos moradores e suas estratégias de luta. No entanto, nosso posicionamento diverge uma vez que propomos através da comunicação entender outras possibilidades para as vivências dos moradores pobres no espaço urbano.

Analisando as relações classistas na cidade, no intuito de compreender as maneiras pelas quais os trabalhadores constituem suas práticas sociais entre os anos finais do século XX e início do século XXI, a pesquisa de Carlos Meneses (SANTOS, 2009: 13), perseguindo os significados de “ser trabalhador na cidade de Uberlândia”, ofereceu possibilidades para inquietarmos-nos sobre as estratégias de comunicação empreendidas pelos moradores pobres. Distintamente nos empenhamos em compreender as experiências de comunicação dos sujeitos em suas relações com o viver urbano.

O trabalho de Sheille Soares (FREITAS, 2009), pesquisando o disputar a cidade enquanto questão, pensando as transformações do final do século XX e início do século XXI, ao discutir as tensões e conflitos que advinham das relações classistas na cidade, através dos mapas sociais produzidos pelos moradores, coloca em questão as disputas pelo patrimônio cultural e as pressões e limites que decorriam das lutas pela revitalização e preservação de parques lineares na cidade. Dessa maneira, a autora identificava as relações de pertencimento entre os sujeitos, debatendo os conflitos que surgiam do direito à cidade. Esta pesquisa contribuiu para pensarmos os movimentos que aconteciam no espaço urbano, oferecendo inquietações para pensarmos a dinâmica social.

Nas duas últimas décadas, percebemos o aumento exacerbado de programas jornalísticos na TV que procuravam formar um público telespectador envolvido com as relações no bairro onde moram, e que estas relações caracterizam o sujeito na cidade. Tais programas emergiram no cotidiano da população a partir dos anos 1990, e compuseram os espaços das cidades brasileiras de maneira que participavam da rotina de milhares de pessoas. Dessa maneira, programas, como *Aqui Agora* (1991, SBT), *Cidade Alerta* (1995, TV Record), *Linha Direta* (1999 Rede Globo), *Brasil Urgente* (2001, Bandeirantes), etc., têm em comum o aspecto do cotidiano enquanto foco de atuação. Este segmento de produção da notícia

espalhou-se por várias cidades mediante emissoras afiliadas e acabaram diversificando os assuntos, mas, de certa maneira, buscavam a população na categoria de agente telespectador, centralizando na vida cotidiana as questões sociais, transformando estes sujeitos em personagens² no espaço midiático.

Nesse rol de notícias sobre o cotidiano, destacam-se os programas que buscam construir uma aproximação com os moradores através do segmento de prestação de serviços e oferta de espaços para que o sujeito comum expresse suas queixas e necessidades. Diante disso, importava compreender para quais grupos estas programações se direcionavam, e a partir de quais lugares sociais falavam. Considerando que em várias cidades existem programações nessa categoria, em Uberlândia, um programa que chamou atenção foi o *Linha Dura*³, exibido a partir de 2005 pela Rede Vitoriosa, afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), emitindo sinais para grande parte do Triângulo Mineiro.

Para entender de que cidade estamos falando no início do século XXI, pensando na dinâmica do município, analisamos o estabelecimento de programas que se intitulam comunitários no interior da “produção social da memória”⁴, possibilitando desvelar outras memórias, ao passo que as experiências dos moradores nas periferias da cidade, permitiu investigar as vivências destes sujeitos.

Como traços norteadores da pesquisa, as memórias dos moradores sobre o viver urbano dimensionaram a perspectiva política e historiográfica deste trabalho, visto que investigamos as trajetórias dos sujeitos sociais, a partir do trabalho com as fontes. Dentre elas,

²Na comunicação social existe um debate a respeito da ideia de personagem, e das escolhas pela designação do indivíduo nessa categoria: “Ao contrário do que se pensa, o jornalista não busca apenas construir a sua visão acerca da história, mas também se vê impelido a adequá-la ao cotidiano social. Daí surge a ideia do ser humano como personagem da sociedade, expresso pela linguagem jornalística.” Ver: SILVA, A.T.P. O lugar do personagem na escrita jornalística. In: Observatório da Imprensa. 08/12/2009. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_lugar_do_personagem_na_escrita_jornalistica Acesso em: março de 2015. (Atualizado).

³ No recorte temporal da pesquisa, o programa era exibido na hora do almoço: 12h35, com duração de aproximadamente 55 minutos. Exibição de segunda a sexta-feira.

⁴Durante o curso de Pós-Graduação em História, participamos de várias conversas, dentre elas, ressaltamos a contribuição do diálogo com a professora Dr.^a Laura Antunes Maciel, na disciplina de Seminário de Pesquisa juntamente com a professora Dr.^a Marta Emília Jacinto Barbosa, na discussão do projeto de pesquisa, quando visualizamos várias frentes de investigação. Pensar os significados das lutas travadas nos meios de comunicação em relação com a memória enquanto campo de disputas e que essa relação era socialmente produzida, foi um dos desafios da pesquisa, que marcam posicionamento político nas escolhas deste trabalho.

as gravações do programa *Linha Dura*⁵; nesta fonte, interessava compreender de quais formas estes sujeitos apareciam na pauta de notícias. Como estratégia metodológica, analisamos as entrevistas que estes moradores concediam à equipe de reportagem do programa, o que dava margem para discutir como as relações no campo da comunicação aconteciam na cidade.

O *Programa Linha Dura* apresentava um formato que partia das questões da cidade: atender reivindicações de moradores pobres, criar de projetos para acolher a população, tais como o *Linha Dura no Seu Bairro*⁶. Este projeto contava com parceria de empresas públicas e privadas no intuito de levar aos moradores os serviços oferecidos por cada empresa. No entanto, as edições do evento aconteciam em lugares estratégicos, nos bairros situados na periferia da cidade.

Através das análises do material audiovisual acumulado, as gravações contínuas do *Programa Linha Dura* entre os anos de 2008 e 2009, percebemos que ele se colocava junto aos pobres, mesmo quando muitos moradores que procuraram meios de comunicação na cidade para fazer valer suas queixas não se consideravam pobres. No entanto, havia uma seleção editorial do programa em se caracterizar enquanto jornalismo comunitário que realizava o que deveria ser responsabilidade do poder público municipal, que, todavia, diante do não cumprimento de seu dever, havia ali um jornalismo que assumia o papel, inclusive de crítico em relação à ineficiência da gestão municipal do período⁷.

Como metodologia de pesquisa, naquele momento, a observação etnográfica dos eventos *Linha Dura No Seu Bairro*, durante os anos de 2008 e 2009, permitiu compreender os significados do projeto em relação à administração pública municipal. Ao contrapormos os meios de comunicação na cidade, analisando, por exemplo, o *Jornal Correio De*

⁵ Ao longo dos anos 2008 e 2009, constituí um acervo de material audiovisual composto pelas gravações do programa *Linha Dura*. Diante da recusa da emissora *Rede Vitoriosa* em permitir que eu tivesse acesso aos programas no estúdio ou até mesmo acesso às gravações dos programas, decidi gravar todas as exibições que eram transmitidas, diariamente, contabilizando aproximadamente 15.000 minutos de material gravado, fichado e catalogado. Suportes: VHS e DVD.

⁶ Durante o curso de graduação em História, entre os anos de 2006 e 2010, como trabalho de conclusão de curso (monografia), iniciei minhas investigações discorrendo sobre o evento *Linha Dura no seu bairro*. Importava a mim, naquele momento, pensar como este projeto, promovido pela TV Vitoriosa e o *Programa Linha Dura*, estabeleciam modos de intervir na vida cotidiana dos moradores e como fazia usos sociais desses grupos para legitimar a prestação de serviços no espaço urbano.

⁷ Segundo o site da emissora, o *Programa Linha Dura* caracterizava-se enquanto: “Jornalismo verdadeiramente comunitário... O Linha Dura fala a linguagem do povo. É solidário. Faz campanhas sociais, acompanha cidadãos em juízo, hospitais e prefeituras. Cobra e exige respostas...”. Fonte: REDE VITORIOSA. Disponível em: <<http://www.redevitoriosa.com.br/index.html>>. Acesso em: dez. 2009.

Uberlândia durante o mesmo período, percebemos que várias edições se esforçavam para construir a história dos bairros onde estes eventos aconteciam.

Reconhecendo que eram projetos distintos, com intenções distintas, eles se cruzavam ao dizer sobre o bairro, mais especificamente, sobre o que era a periferia, e o lugar do pobre na cidade. Relacionando a realização do evento *Linha Dura No Seu Bairro* com a atuação das Secretarias de Serviços Urbanos e Planejamento Urbano, a pesquisa apontou para a existência de projetos complexos na cidade e intenções que possibilitavam investigar as memórias em disputas sobre a pobreza no espaço urbano.

Recuperamos do trabalho anterior o lugar de atuação do *Programa Linha Dura*, uma vez que se percebe a necessidade de aprofundar na questão da pobreza na cidade, pois ele assume a pobreza enquanto o lugar de ação no espaço urbano. Diante disso, tornou-se essencial analisar de quais formas estes moradores apareciam cotidianamente na TV, como a pobreza era retratada nos meios de comunicação, além dos processos de produção, circulação e consumo das notícias.

O *Programa Linha Dura*, pertencia à Rede Vitoriosa⁸, uma emissora fundada em 1999, afiliada ao SBT, pertencente ao Senador (na época) Wellington Salgado de Oliveira (PMDB-MG), que, por sua vez, possuía uma gama de outras emissoras de rádio espalhadas pelos estados de Minas Gerais e Goiás, assim como a TV Goiânia no Estado de Goiás⁹.

Acompanhando o circuito por onde passava a relação entre as redes de comunicação que se compunham a partir de interesses bem demarcados no que dizia respeito à formação da opinião pública, pudemos perceber que havia ali interesses desses meios em se direcionarem para a cidade de Uberlândia, e que esses interesses estavam imbricados em projetos que

⁸ A *Rede Vitoriosa* transmite o sinal do SBT a partir de duas sedes em Ituiutaba e Uberlândia, no Triângulo Mineiro, para outras 17 cidades situadas no entorno da região no Estado de Minas Gerais: Araporã, Tupaciguara, Araguari, Indianópolis, Cachoeira Dourada, Ipiacu, Capinópolis, Monte Alegre de Minas, Santa Vitória, Centralina, Gurinhatã, União de Minas, Campina Verde, Iturama, São Francisco de Sales e Itapagipe. Disponíveis em: <<http://www.redevitoriosa.com.br/index.html>>. Acesso em: 28 dez. 2009.

⁹ De acordo com relatório de pesquisa CPqD, “Wellington Salgado de Oliveira (PMDB-MG), também proprietário da Universidade Salgado Filho (Universo). Wellington Salgado de Oliveira aparece ainda como Diretor e Sócio (Juntamente com Wallace Salgado de Oliveira) da *Rede Vitoriosa de Comunicações* donos da TV Vitoriosa em Ituiutaba-MG, 148 retransmissora do SBT (SBT, 2006). A *Rede Vitoriosa* possui emissoras de rádio FM em Goiânia e Senador Canedo - GO.” Ver: CASTRO, Cosette (Coord.). FUNDAÇÃO PADRE URBANO THIESEN. Cartografia Audiovisual Brasileira de 2005: um estudo quali-quantitativo de TV e cinema. Relatório de Pesquisa CPqD, 2006.

envolviam empresas de comunicação¹⁰. Inquietava-nos pensar os motivos que levariam este ramo de atividade a se voltar para as periferias, e nessa dinâmica, pensar nos bairros que constituíam estes espaços. Um caminho que não foi trabalhado naquele momento e que possibilitou a realização da dissertação de Mestrado foi pensar a profundidade que os meios de comunicação tinham na vida cotidiana sobre determinados grupos sociais. Dessa maneira, procuramos compreender pelo viés das experiências e modos de vida dos sujeitos pobres, moradores nas periferias, as memórias em disputas sobre a relação entre pobreza e comunicação na cidade. Assim, buscou-se, na dissertação, investigar grupos de moradores que participavam dos projetos a fim de entender como articulavam suas vivências nas experiências de comunicação.

Analisando o *Programa Linha Dura* e o *Jornal Correio de Uberlândia*, percebemos que as intenções destes grupos de comunicação significavam muito mais do que projetos de cidade: constituíam marcos de memórias, ao passo que condicionavam a pobreza dos moradores enquanto imobilidade no espaço urbano, pois formulavam consensos e ditavam padrões, estereotipando o bairro periférico. O presente trabalho esforçou-se para compreender como a cidade vai se constituindo nessa relação a partir dos processos de comunicação, situando-se na ótica dos agentes destes processos: os moradores pobres.

No decorrer da pesquisa com os jornais, organizamos fichas nas quais analisamos o *Programa Linha Dura* durante os anos de 2008 e 2009, onde fizemos uma triagem e percebemos quais os bairros faziam parte da pauta de notícias das reportagens.

Percebemos uma trajetória em formar pautas de reivindicações e notícias que partiam destes mesmos bairros, tanto na imprensa (jornal de folha) quanto no *Programa Linha Dura* (televisado) e que partia destes bairros localizados em diferentes regiões: Nossa Senhora das Graças, Tocantins e Guarani, Luizote de Freitas, Presidente Roosevelt, São Jorge, Tibery, Morumbi e Dom Almir.

¹⁰ Durante o curso de graduação em História, procurei pensar sobre estes interesses dos “meios” em relação ao espaço urbano: o trabalho consistiu em refletir sobre as relações culturais na cidade de Uberlândia a partir dos meios de comunicação, na perspectiva das mediações culturais em diálogo com as considerações de Martin-Barbero, procuramos analisar a atuação do projeto *Linha Dura no Seu Bairro*, promovido pela TV Vitoriosa e pelo programa *Linha Dura*, em parceria com entidades públicas e privadas. Dessa maneira, evidenciamos a necessidade de investigar caminhos para os processos de transformação dos meios de comunicação, com objetivo de refletir acerca dos diferentes usos sociais desses grupos. SILVA, Letícia Siabra da. *Cidade e Meios de Comunicação: Uberlândia no início do século XXI*. Monografia (Bacharelado e Licenciatura) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História. 2010.

Procurando perceber as intenções que norteiam um programa de TV que se coloca enquanto comunicação comunitária a realizar determinado evento em alguns bairros da cidade, acompanhamos o circuito da notícia sobre a cidade, assim como o tipo de notícia recorrente em cada região. Dessa maneira, fomos percebendo paulatinamente que estas regiões eram frequentes nas reportagens há vários anos, tornaram-se assunto na cidade durante a década de 1990 e possuíam algumas características que marcavam o tipo de notícia veiculado.

Seguir o caminho da notícia nos bairros desde a década de 1990 nos permitiu analisar as relações entre pobreza e espaço urbano a partir de atuações dos moradores nos meios de comunicação. Isso direcionou a pesquisa para investigar o que estes bairros tinham constituído para que chamassem a atenção dos meios de comunicação: indagamos quais os processos de luta que se desenvolviam no interior daquelas comunidades que permitiam que tivessem embasamento no tecido social. Percorremos o circuito de produção e circulação de notícias na imprensa, buscando investigar os movimentos de constituição destas localidades em formar um campo extenso de comunicação.

O debruçar sobre a fonte impressa com o *Jornal Correio de Uberlândia* ofereceu a possibilidade de desvelar uma trajetória de notícias produzida sobre os moradores pobres – não exclusivamente –, sobretudo, nos cadernos e sessões que se destinavam a colocar em evidência os bairros da cidade, e não era qualquer bairro, eram, na sua maioria, estes mesmos bairros nos quais o *Projeto Linha Dura No Seu Bairro* atuava. A recorrência destas localidades nas páginas do jornal foi indicando um processo comunicativo construído que veio a partir da década de 1990 com peso na movimentação dos moradores para produzir notícias ou, até mesmo, ser a própria notícia.

Criado na década de 1930, o *Jornal Correio de Uberlândia*, fundado por Alexandrino Garcia, pertence ao grupo Algar: empresa de telecomunicações que atua em vários estados no Brasil, sobretudo, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e São Paulo, ramificou-se em múltiplos segmentos, inclusive na cidade de Uberlândia, através da empresa CTBC (Companhia de Telecomunicações do Brasil Central), a qual é dona (já na primeira década do século XXI) da maior parte de linhas de telefonia fixa e internet da região. Este grupo de poder assumiu completamente o *Jornal Correio de Uberlândia* em 1986. No período de 1991

a 1995, o jornal se chamava *Correio do Triângulo*¹¹, a partir de 1996 voltou a se chamar *Jornal Correio de Uberlândia*. A tiragem do jornal, na época desta pesquisa, correspondia a 10.000 exemplares diários¹².

Uma estratégia para entender como estes moradores movimentavam a notícia nos meios de comunicação foi pensar nas associações de moradores e grupos de bairros em torno das organizações do trabalho comunitário, na passagem da década de 1990 para os anos 2000. Entrevistamos moradores comuns e moradores membros de associações, ou pessoas que de alguma maneira se envolveram com o trabalho comunitário.

Utilizamos as designações de moradores comuns em relação com os membros de associações de bairros, visto que, no contato com os documentos e materiais produzidos pelas associações de moradores, assim como entrevistas realizadas com líderes comunitários, observamos que estes sujeitos tinham o cuidado de se diferenciarem por causa da condição de envolvimento direto com a militância de bairro, sobretudo, quando as questões diziam respeito às suas experiências com os meios de comunicação.

Chamei de sujeitos comuns as donas de casa, para diferenciar o campo de atuação, assim como evidenciar seu cotidiano e como suas vivências na cidade contrapunham as experiências dos líderes comunitários. Havia ali outras maneiras de atuar na cidade através das experiências de comunicação, maneiras estas apreendidas no cotidiano, que partiam de outras concepções para o viver urbano, distintas daquelas dos presidentes de associações de moradores e do que os meios de comunicação formulavam sobre a pobreza na cidade.

Adotamos a metodologia de trabalho com História Oral, com a intenção de, na perspectiva da luta política que compõe as entrevistas, valorizar os sujeitos sociais a partir de suas experiências e vivências na cidade, intentamos em compreender comportamentos dos

¹¹ No período em que pesquisei o acervo do jornal no Arquivo Público Municipal, percebi indícios que essa mudança da nomenclatura do jornal estava associada aos interesses do grupo dominante em consolidar um “veículo de comunicação” que extrapolasse os limites da cidade e abrangesse todo o Triângulo Mineiro. No entanto, os nomes do jornal dizem sobre as intenções dos grupos de poder na cidade, mas a escolha pela volta do nome do jornal para *Correio de Uberlândia* não restringe as notícias.

¹² Ver: ALGAR MÍDIA. Disponível em: <<http://midiakit.algarmidia.com.br/?secao=inicio>>. Acesso em: 5 ago. 2011. Trata-se de um estudo divulgando as pesquisas de amostragem referente ao Grupo Algar, incluindo a tiragem do *Jornal Correio de Uberlândia*. Além da circulação impressa, existe a versão online do jornal. No entanto, para esta pesquisa, trabalhamos com os exemplares impressos, disponíveis no acervo do Arquivo Público Municipal da cidade. A versão online está em: CORREIO DE UBERLÂNDIA. Disponível em: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/>. Acesso em: Março/2015. (Atualizado)

sujeitos nos diálogos construídos no processo de entrevista e trabalho com esta perspectiva no campo historiográfico.

No entrecruzar das fontes, surgiu a possibilidade de trabalhar as relações entre memória e história no interior da dinâmica social. Como referencial teórico metodológico, dialogamos com as reflexões de Khoury (2004), ao discutir as experiências do grupo de professores e alunos envolvidos com pesquisas que abordem a relação história, memória e cultura. A professora Yara Khoury (KHOURY, 2004:116) nos chama a atenção para alguns cuidados ao adentrar nessas relações:

Quais os sentidos de refletirmos sobre cultura e memória enquanto observamos a emergência de novos sujeitos disputando lugares, reivindicando direitos, realimentando costumes, tradições, crenças, modos de trabalhar e viver desestabilizando centros de poder convencionais, firmando presenças, numa relação de forças ainda bastante desigual?¹³

As indagações de Khoury nos fazem refletir sobre o percurso político e historiográfico que considera as experiências dos sujeitos sociais, assim como as produções de “outras memórias” num campo de disputas. Acreditamos na importância da discussão da autora, importando a nós compreender, mediante diálogos com as donas de casa, os aspectos de suas experiências na cidade.

Assim, neste trabalho, investigamos o processo material e social que implica o viver a cidade através das análises de produção, consumo e circulação de notícias, desvelamos os movimentos de atuação dos sujeitos no espaço urbano.

Além disso, procuramos refletir sobre o que significa a produção da metodologia para a pesquisa, pois demanda um esforço em evidenciar os caminhos que as fontes sugeriam sobre os movimentos das experiências dos moradores: experiências de comunicação que foram indicando incorporação de valores de classes e estratégias para investigar as relações culturais através das vivências cotidianas. A intenção foi compreender a constituição da cidade, partindo das linguagens dos sujeitos pobres que disputavam relações culturais no espaço

¹³ O diálogo que a autora estabelece se faz a partir das experiências de pesquisa e discussões no grupo de professores da PUC-SP em parceria com professores da UFU, no projeto Procad. Ver: KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. *Muitas Memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004, p. 116-138.

urbano. Nossas intenções não se restringiam em construir uma história dos bairros de maneira isolada, mas diziam respeito a pensar a cidade.

Dentre as fontes analisadas, as atas de associações de moradores e do Conselho de Entidades Comunitárias mostraram-se com uma grande potencialidade, ao passo que as leituras apontaram indícios de outras formulações que não se restringiam às questões da periferia, mas diziam sobre evidências de conflitos no que significava disputar o espaço urbano, e levantaram pontos de questionamentos para pensar o que era o trabalho dos líderes comunitários.

Não obstante, nas entrevistas realizadas com estes líderes, eles se situavam em disputa por quem deveria fazer a liderança dos pobres, o que indicou que havia ali um jogo de intenções em que estes sujeitos também mobilizavam seus interesses nessas disputas.

Estes sujeitos também produziam canais de comunicação que não passavam obrigatoriamente pelo circuito comercial, o que não impedia que eles utilizassem das empresas de comunicação, como o *Jornal Correio de Uberlândia* ou o *Programa Linha Dura*. Percebe-se a existência de uma rede de comunicação ampla por onde estes sujeitos transitavam e que indicava um conflito em termos de dominação pelo uso dos espaços comunicativos na cidade.

A presença destes conflitos fazia contrapor a instituição de padrões que se consolidaram enquanto memória dominante: não era apenas o *Programa Linha Dura* ou o *Jornal Correio de Uberlândia* que formatava o que devia ser a pobreza na cidade, existia uma caracterização de grupos que se apropriava desta consolidação de memória sobre a periferia para movimentar interesses próprios.

Por outro lado, o cotidiano dos moradores oferecia outra perspectiva para pensar as relações de comunicação e a movimentação dos sujeitos no espaço urbano. Sugeriu pontos de resistência nas experiências comunicativas: as donas de casa que circulavam por vários espaços na cidade, permitindo o entrecruzar das frentes de investigação.

Esforçando por dialogar na construção de caminhos para o conhecimento histórico, pensando nas relações sociais no espaço urbano, trabalhamos com alguns autores que nortearam o processo de maturidade da reflexão sobre a problemática da cidade. Nesse sentido, as reflexões de Lefebvre(2001) a respeito da problemática urbana ao propor as redes de malhas desiguais no tecido social permitiu pensar a cidade em sua complexidade, mas

também dialogar com as pesquisas acadêmicas que caminhavam pela questão do “direito à cidade”.

Discutir o hegemônico enquanto processo, em diálogo com Raymond Williams (1979), possibilitou adentrar pelas questões da linguagem como consciência prática, direcionando as formas pelas quais os sujeitos se relacionam. Esta abordagem tornou-se, no decorrer da pesquisa, uma questão a ser perseguida, pois pensar na potencialidade de movimentação e transformação social que implica a linguagem vem se revelando um campo fértil para a investigação.

Daí surgiram indagações importantes que direcionaram a pesquisa para pensar quais as disputas para legitimar uma comunicação comunitária estavam sendo travadas no campo da linguagem e como permitiam investigar os movimentos que acontecem na/pela linguagem: porque havia a necessidade do *Programa Linha Durade* incorporar uma noção de povo ou popular para alcançar determinados segmentos sociais? Tais questões ofereceram embasamento para trabalharmos as linguagens enquanto campo de enfrentamento nas relações entre história e cultura por meio das experiências dos moradores nas periferias da cidade.

Pensando nestas experiências vividas pelos sujeitos, as contribuições das reflexões de Thompson (THOMPSON, 1981) auxiliaram na compreensão do que os desafios do cotidiano significavam para discutirmos cultura, pensando no contexto histórico, e no comprometimento da pesquisa ao nos posicionarmos em uma investigação – como alerta Déa Ribeiro Fenelon,¹⁴ ao pensar na formação do profissional de história – envolvidos com a realidade social.

Contrapondo a consolidação de uma memória dominante sobre a pobreza pelos meios de comunicação, que instituíam padrões a respeito do que deve ser a necessidade dos moradores e seus elementos para satisfazê-las, procuramos compreender quem eram estes sujeitos comuns e de que maneira o cotidiano pontuava outras memórias sobre suas vivências na cidade. Intencionava compreender que social é este que estamos vivenciando e quais os

¹⁴ Após 30 anos decorridos das reflexões apresentadas pela professora Déa Fenelon ao profissional de história, somos convidados para refletir sobre a nossa prática e as implicações decorrentes de nossas escolhas. Em conferência pronunciada no XI Simpósio Nacional da Anpuh, em João Pessoa (PB), no ano 1981, e publicada pela primeira vez em 1982, na revista Projeto História – PUC-SP, em seu artigo, Fenelon aponta que: “Queremos um profissional de História no qual as pessoas possam se reconhecer e se identificar, porque para nós a História é uma experiência que deve ser também concretizada no cotidiano, porque é a partir dela que construiremos o hoje e o futuro”. Ver: FENELON, Déa Ribeiro. A formação do profissional de história e a realidade do ensino. *Tempos Históricos*. v. 12, jan./jul. 2008. p. 35.

processos que movimentam as décadas de 1990 a 2000 quando assumimos as experiências de comunicação enquanto estratégias de luta e transformação do urbano.

Na pesquisa, trabalhamos com sete entrevistas de moradores em diferentes regiões da cidade. Nesse conjunto de conversas, a fala da Sra. Alexssandra Gualberto, dona de casa, moradora no bairro Dom Almir, na região leste de Uberlândia, dimensionava os conflitos que envolviam as experiências de comunicação na cidade, na relação entre memória e história.

Em entrevista realizada no ano de 2012, a moradora apontava “...as pessoas têm a impressão que aqui, no Dom Almir, as pessoas precisam ganhar e não é isso que a gente precisa não, não é isso.” Sua fala trazia o desconforto frente a uma memória consolidada enquanto dominante que homogeneizava aqueles moradores. A compreensão da moradora sobre a cidade, e a relação dos meios de comunicação ao propor determinada prestação de serviço naquela região era marcada pela caracterização do bairro enquanto periferia, no sentido de dependente de auxílios de terceiros, esse dizer tão enfatizado *no Programa Linha Dura*, ou recorrente nas páginas do *Jornal Correio de Uberlândia* quando silenciava as vozes das lutas dos moradores frente às disputas de poder no espaço urbano, formulavam a prestação de serviços na condição de dádiva.

Nessa relação, a moradora marcava posicionamento distinto, até mesmo de combate em relação a estas construções uma vez que pontua “...Todo mundo, aqui, a maioria tem sua casa ou mora de aluguel, mas trabalha, levanta cedo, trabalha, paga sua água, seu aluguel, sua luz, tem suas coisinhas, tudo arrumadinho dentro de casa”. Sra. Alexssandra dimensionava, através da vida cotidiana, pontos de resistência que poderiam contrapor aquela ideia tão enraizada na cidade e que, no decorrer destes 20 anos acompanhados na periodicidade da imprensa, fez parte de um projeto de sociedade marcado pela desigualdade social.

Em termos de relações sociais, a moradora, oferecia indícios de que alguma coisa estava mudando na sociedade, e que envolvia os costumes destes sujeitos. Dessa maneira, Sra. Alexssandra abria margem para pensarmos nas relações culturais em movimento, de forma que a linguagem dinamizava os processos históricos das experiências de comunicação destes moradores.

As experiências de comunicação da moradora, confrontava com uma memória dominante que excluía estes sujeitos comuns através dos silenciamentos de suas falas. O que a moradora atribuía como “impressão” que as pessoas tinham sobre o bairro onde morava nos

revela uma construção histórica, fruto de lutas, embates de experiências culturais a respeito de quem diz - e como diz -, o que determinados grupos sociais devem se comportar socialmente, e isso se consolidou como memória dominante e excludente das experiências de comunicação destes moradores nos espaços de circulação da notícia impressa e televisiva.

Na contramão destes embates, as donas de casa, faziam os conflitos pela linguagem movimentarem e traziam outras memórias, sejam elas oferecendo pontos de resistências ou não, visto que as relações eram muito mais complexas do que elencar uma memória se sobrepondo a outra, mas nos direcionou para pensar nas relações de poder que envolvem a linguagem enquanto atividade que dinamiza modos de viver na cidade, com suas angustias, frustrações, mas que pontuam a existência de sujeitos reais com sonhos desejos e compreensões distintas do que se habituou caracterizá-los.

Bibliografia

BARBOSA, M. E. J.; LIMA, J. L. F. História, imprensa e redes de comunicação. *História & Perspectivas*, v. 39, p. 37-57, 2008.

BARRETTA, Leonardo Medeiros; CERVI, Emerson Urizzi. Contra agendamento: evoluindo na hipótese do agenda-setting. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 13, 2012, Chapecó. *Anais...* Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-1706-1.pdf> . Acesso em: nov. 2012.

BUCCI, E.; KHEL, M. R. *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004.

CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Fundação PERSEU ABRAMO, 2006.

COUTINHO, Eduardo Granja (Org.). *Comunicação e contra-hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. R. C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In: *Projeto História*. São Paulo, n. 35, dez. 2007.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: Educ: Fapesp, 2000.

FENELON, Déa Ribeiro. A formação do profissional de história e a realidade do ensino. *Tempos Históricos*. v. 12, jan./jul. 2008.

_____. (Org.). *Cidades*. São Paulo: Olho D' Agua, 1999.

FREITAS, Sheille Soares de. *Por falar em culturas... histórias que marcam a cidade: Uberlândia-MG*. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2009.

CASTRO, Cosette (Coord.). FUNDAÇÃO PADRE URBANO THIESEN. *Cartografia Audiovisual Brasileira de 2005: um estudo quali-quantitativo de TV e cinema*. Relatório de Pesquisa CPqD, 2006.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: _____. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p.248-264.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. *Muitas Memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004, p. 116-138.

LEFEBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. *O Direito à Cidade*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

MARTIN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 5. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

NASCIMENTO, Clarissa Staffa. *“Além da imagem” experiências e memórias populares através da TV Maxambomba*. Dissertação (Mestrado de História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2009.

REIS, Maucia Vieira dos. *Entre viver e morar: experiências dos moradores de Conjuntos Habitacionais (Uberlândia - anos 1980/1990)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2003.

ROSA, Amanda Marques. *Memórias, histórias, movimentos sociais: mobilização, comunicação e projeto de luta. (Uberlândia-MG, anos 1980)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

SANTOS, Carlos Meneses S. *Ser trabalhador na cidade: relações de classe em Uberlândia: fins do século XX e início do século XXI*. Dissertação (Mestrado de História Social) –

Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

SARLO, Beatriz. A Democracia midiática e seus limites. In: _____. *Paisagens imaginárias. Intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: Edusp, 2005.

SILVA, A.T.P. O lugar do personagem na escrita jornalística. In: Observatório da Imprensa. 08/12/2009. Disponível em:

http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_lugar_do_personagem_na_escrita_jornalistica. Acesso em: mar.2015.

SILVA, Letícia Siabra da. *Cidade e Meios de Comunicação: Uberlândia no início do século XXI*. Monografia (Bacharelado e Licenciatura) – Curso de Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, 2010.

THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. Padrões e experiências. In: _____. *A formação da classe operária inglesa*. 2. ed. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1988. p. 179-224.

VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. Cultura e memória: notas sobre a construção da lógica histórica na pesquisa audiovisual de História Oral. In: MACIEL, L; ALMEIDA, P. R; KHOURY, Y. A. (Orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006, p. 218-238.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979.

_____. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.